

Chance maior para prematuros

FABÍOLA GÓIS

DA EQUIPE DO CORREIO

Fotos: Paulo de Araújo

Bebês que nascem no Distrito Federal têm mais chance de sobreviver do que em 24 estados brasileiros. A taxa de mortalidade infantil no DF é de 17,8%, de acordo com a Síntese de Indicadores Sociais 2003 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É a terceira unidade da Federação com menores índices do país. Só perde para Mato Grosso do Sul (1º), com 15,4%, e São Paulo (2º), 17,4%. A média nacional é de 27,8%.

Entre crianças prematuras, a probabilidade de sobrevivência é ainda maior, se comparada com os números registrados nos estados. O Hospital Regional da Asa Sul (Hras) tem um dos menores índices de mortalidade de bebês com peso até 1,500 g. Segundo o chefe do Berçário da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) Neonatal do Hras, Ildivan Gomes dos Santos, a taxa é de 29%. "No sul do país, a média é de 50%. Somos a maior UTI Neonatal da América Latina e atendemos pacientes de todo o país", afirma.

São bebês como o da pernambucana Cláudia Barbosa, 26 anos. O pequeno Danilo, que na terça-feira pesava 1,700 g, nasceu há um mês com 1,390 g. Com uma semana de vida, o peso dele caiu para 1,100 g. Cláudia levou um tombo aos seis meses e meio de gravidez e teve um deslocamento de placenta, que provocou o parto prematuro. Faltou oxigenação no cérebro do bebê e, por isso, Danilo nasceu com vários tipos de problemas de saúde, como um glaucoma (aumento da pressão interna do olho). Resultado: ele perdeu uma visão, e os médicos lutam para preservar a outra.

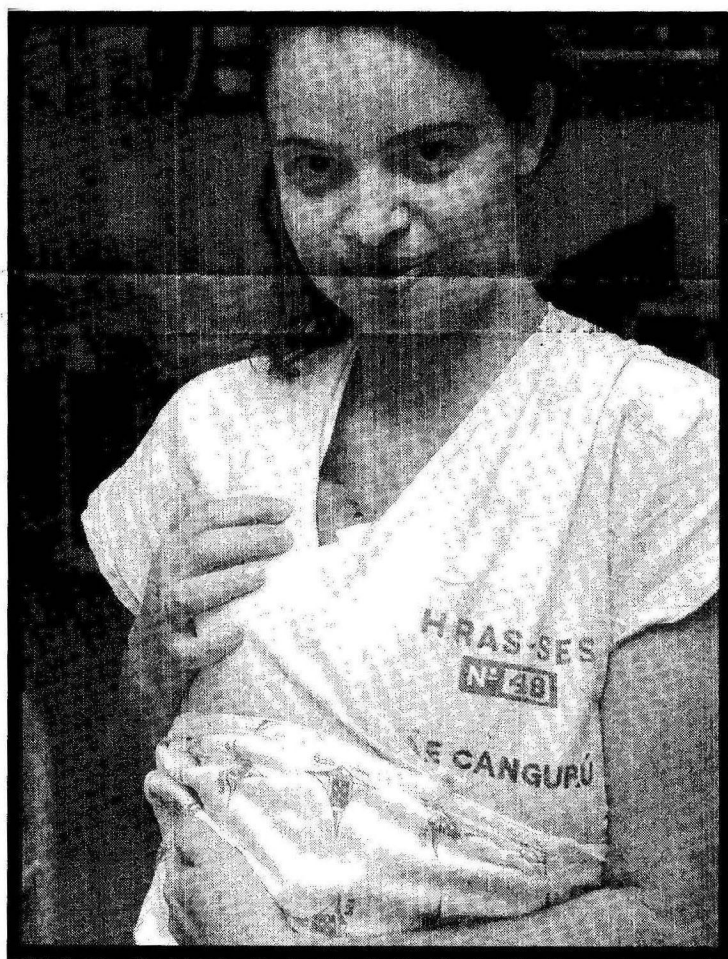
Sem lágrimas

O dia-a-dia de Cláudia é dentro do hospital, 24 horas. Ela dorme num alojamento do projeto Mãe Nutriz, que garante a permanência das mulheres com bebês prematuros no hospital, para garantir o aleitamento materno. Como no tratamento de todos os prematuros, os médicos indicam que a alimentação dele seja o leite da mãe. Mas Cláudia só pôde ter o prazer de amamentar o filho na quarta-feira. Danilo era tão pequeno que não conseguia sugar o seio. Ela retirava o leite várias vezes, para armazenar 20 a 70ml por dia.

Cláudia diz que não tem mais lágrimas para chorar. "Converso com ele todo dia: 'Meu filho, você precisa ficar bom logo. Temos que ir pra casa logo'. Mas meu maior sonho



UTI NEONATAL DO HRAS ATENDE 200 BEBÊS POR MÊS, EM MÉDIA, E FUNCIONA 24 HORAS COM UMA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR DE NEONATOLOGISTAS



O BEBÊ DE CLÁUDIA BARBOSA GANHOU PESO E ENTROU NO PROJETO CANGURU

é sair do hospital com o meu filho vivo." Ela tem mais dois filhos, de 2 anos e 6 meses e 1 ano e 7 meses, que ficam sob o cuidado do pai.

Para cuidar dos recém-nascidos com baixo peso e problemas de saúde, a UTI Neonatal funciona 24 horas com uma

equipe multidisciplinar de neonatologistas (pediatras especialistas em bebês), enfermeiros, geneticistas, fisioterapeutas, psicólogos, auxiliares de enfermagem e cirurgiões. São 200 bebês, em média, internados no Hras por mês. "São nenês com baixa imunidade

MORTALIDADE MENOR

Na última década, a mortalidade infantil no Brasil passou de 42,6 óbitos de menores de um ano por 1 mil nascidos vivos, em 1992, para 27,8%, em 2002, ou seja, um decréscimo de 35%. Os dados são do IBGE.

O Brasil ocupa o 44º lugar no mundo entre os países que apresentam maior risco de gravidez precoce em mulheres de 14 a 19 anos. Segundo relatório da ONG Save the Children, a cada mil nascimentos cujas mães têm abaixo de 20 anos, 67 morrem.

O Hospital Regional da Asa Sul (Hras), antigo Hospital

Materno Infantil de Brasília (Hmib), tem a maior UTI Neonatal da América Latina, segundo o chefe do berçário Ildivan Gomes dos Santos. São 44 leitos fixos, mas há dias em que o atendimento ultrapassa 50 crianças.

No Hras, o consumo diário de leite é de 10 litros por dia. Bebês prematuros devem tomar apenas o leite da mãe. Quando ela não consegue tirar o leite, a criança recebe o alimento doado por voluntárias dos hospitais. Quem quiser doar leite materno pode ligar para 445-7597 ou entregar na recepção do Hras, na 608 Sul.

que precisam ter alguém do lado o tempo inteiro", explica o neonatologista Ildivan Santos.

A dedicação das mães de bebês que correm risco de vida é incessante. Cláudia Maria da Silva Feitosa, 31 anos, ganhou Ana Clara há dez dias. A menina nasceu com 1,830g, aos sete

meses de gestação. Cláudia já saiu com a filha da UTI Neonatal e entrou no Projeto Canguru. Para que se desenvolvessem melhor, os bebês com baixo peso e prematuros passam a ficar enrolados no corpo da mãe quando atingem 1,700g, a maior parte do tempo. Só rece-

“O LEITE DE CADA MULHER É DIFERENTE. A MÃE DE PREMATURO TEM O LEITE MAIS RICO EM IMUNOGLOBULINA, QUE PROTEGE OS BEBÊS CONTRA DOENÇAS”

Fátima Kehrle, coordenadora do Banco de Leite do Hras, sobre a importância do aleitamento para a sobrevivência dos recém-nascidos

bem alta depois de completar 2,500g. "Sinto saudade da minha casa, do meu marido. Não vejo a hora de ir embora com ela", diz Cláudia.

A sensação das mães que ficam alojadas no hospital com o recém-nascido é de que o mundo parou. Só vêm a luz do sol quando saem da UTI. A vontade é ficar o tempo todo perto dos pequenos. Elas trocam confidências, fazem novas amizades e sofrem com aquelas que perdem o filho.

No sábado, morreu uma criança que lutou por um mês pela sobrevivência. A mãe tinha vindo de Rondônia para tentar salvar a vida do filho. "Mas elas não param a vida. Nenhuma mãe passa por uma experiência dessa sem crescer, amadurecer", comenta a pediatra Rosângela Cândida Marinho, do Projeto Canguru.

A coordenadora do Banco de Leite do Hras, Fátima Kehrle, afirma que um dos maiores desafios é conseguir que a mãe não desanime mesmo com o filho em estado grave. "Ela precisa ter controle emocional e insistir na ordenha do leite, mesmo que ele não mame no seio." A pediatra faz reuniões semanais com as mães para que elas sejam orientadas sobre a importância do aleitamento para o bebê prematuro. "O leite de cada mulher é diferente. A mãe de prematuro tem o leite mais rico em imunoglobulinas, que protegem os bebês contra doenças", explica.